

## **A Representação do aspecto negativo do feminino em dois contos de *Ânsia Eterna*, de Júlia Lopes de Almeida**

### ***The Representation Of The Negative Aspect Of The Feminine in Two Stories Of *Ânsia Eterna*, by Júlia Lopes de Almeida***

**José Maiko Farias Amim<sup>1</sup>**

**Maria Josilene de Souza Ferreira<sup>2</sup>**

**Resumo:** A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar a representação do aspecto negativo do feminino nos contos “Os porcos” e “Sob as estrelas”, ambos presentes na obra *Ânsia Eterna* (2020), escrita pela carioca Júlia Lopes de Almeida, e publicada em 1903. De modo a alcançar o pretendido, iremos, inicialmente, apresentar o arquétipo de Lilith através de seus mitos; em um segundo momento, deveremos identificar nos referidos contos a constelação de imagens e símbolos que gravitam em torno do arquétipo; finalmente, conseguimos relacionar os aspectos míticos aos elementos temático-linguísticos das respectivas narrativas. Para tal, lançamos mão dos métodos da pesquisa bibliográfica, em seu caráter qualitativo, e da abordagem da mitocrítica, mediante os subsídios teóricos da psicologia analítica (NEUMANN, 2021; KOLTUV, 2017; ROBLES, 2019); do simbolismo (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2021); e da mitologia comparada (CAMPBELL, 2012). Desse modo, “caçando” o mito iluminador das narrativas por meio dos estudos do arquétipo de Lilith e dos procedimentos narrativos, acreditamos ser possível demonstrar o modo como a escritora Júlia Lopes de Almeida se utiliza do mito da “primeira Eva” para representar o aspecto negativo do feminino, servindo-se da tradição mitológica judaica para lançar um olhar crítico à posição de inferioridade e de rejeição da mulher na sociedade brasileira do início do século XX. Lilith expressa os elementos de revolta, vingança e reivindicação da mulher inconformada com uma sociedade que tem pela emancipação feminina verdadeiro horror, sentimento esse expresso pelas adjetivações com as quais a deusa primitiva é sempre apresentada: demônio, prostituta, bruxa.

**Palavras-chaves:** Arquétipo de Lilith; Mitocrítica; Representação do Feminino; *Ânsia Eterna*; Júlia Lopes de Almeida.

**Abstract:** The present research has the general objective of investigating the representation of the negative aspect of the feminine in the short stories *Os Porcos* and *Sob as Estrelas*, both present in the work *Ânsia Eterna* (2020), written by the carioca Júlia Lopes de Almeida, and published in 1903. To achieve the intended, we will initially present the archetype of Lilith through her myths; in a second moment, we must identify in the referred tales the constellation of images and symbols that gravitate around the archetype; finally, we manage to relate the mythical aspects to the thematic-linguistic elements of the respective narratives. To this end, we use bibliographical research methods, in their qualitative nature, and the myth-critical approach, through the theoretical subsidies of analytical

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (PPG-MEL) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: maico15\_pvh@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8663-1430>.

<sup>2</sup> Mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação Mestrado Acadêmico em Estudos Literários (PPG-MEL) da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). E-mail: josyetavinho@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7888-1376>.

psychology (NEUMANN, 2021; KOLTUV, 2017; ROBLES, 2019); symbolism (CHEVALIER and GHEERBRANT, 2021); and comparative mythology (CAMPBELL, 2012). Thus, "hunting" the illuminating myth of the narratives through studies of the archetype of Lilith and narrative procedures, we believe it is possible to demonstrate how the writer Júlia Lopes de Almeida uses the myth of the "first Eve" to represent the aspect of the feminine, using the Jewish mythological tradition to take a critical look at the position of inferiority and rejection of women in Brazilian society at the beginning of the 20th century. Lilith expresses the elements of revolt, revenge and claim of the nonconformist woman with a society that has true horror for female emancipation, a feeling that is expressed by the adjectives with which the primitive goddess is always presented: demon, prostitute, witch.

**Keywords:** Lilith archetype; mythocriticism; Representation of the Feminine; *Ânsia Eterna*; Júlia Lopes de Almeida.

## 1 Considerações iniciais

A figuração do feminino sempre esteve presente nas mais diversas expressões artísticas. A figura feminina e seus elementos característicos, como a capacidade de gestar a vida, estão presentes nos mais arcaicos mitos e poemas épicos de que se tem notícia. No entanto, elemento complexo que é, o feminino sofreu diversas "interpretações" com o desenvolvimento civilizatório. De deusa-mãe, na antiguidade "pagã", a mulher passou a reles coadjuvante na concepção monoteísta e patriarcal judaica. Com isso, muitas das características psíquico-simbólicas do feminino foram rejeitadas, combatidas e, quando menos, silenciadas. Mas sendo aspectos inerentes ao feminino, as representações dessas características continuam a irradiar na produção artística contemporânea, posto ser presente, mesmo quando cerceada, na psique feminina, e também na masculina.

O presente artigo trata, sobretudo, da representação do aspecto negativo do feminino em dois contos da coletânea *Ânsia Eterna*, escrita pela carioca Júlia Lopes de Almeida (2020), quais sejam: "Os porcos", dedicado pela autora ao dramaturgo e contista Artur Azevedo, e "Sob as estrelas", dedicado ao poeta Olavo Bilac. Entendemos haver na referida obra outros contos nos quais o aspecto negativo do feminino se faz presente, mas por questões de escopo, nos restringimos aqui aos contos elencados por entendermos estarem neles presentes os pontos mais altos do aspecto que ora investigamos.

Ao tomarmos contato com as respectivas narrativas, nossa leitura nos indicou a presença, em ambas, do arquétipo de Lilith, figura proveniente da mitologia judaico-cristã, também conhecida como a primeira Eva. A partir dessa intuição, empreendemos uma análise da constelação de imagens que gravitam em torno das personagens dos contos, de modo a aprofundar a interpretação.

O objetivo principal desta pesquisa, portanto, é investigar como é produzida a representação do aspecto negativo do feminino nos supracitados contos de Júlia Lopes de

Almeida. Os objetivos específicos correspondem a apresentar o arquétipo de Lilith por meio de seus mitos; bem como identificar nas narrativas a constelação de imagens e símbolos que circunda o arquétipo; e relacionar os aspectos míticos aos elementos temático-linguísticos de ambos os contos.

Nossa hipótese de pesquisa é a de que Júlia Lopes de Almeida lança mão do arquétipo de Lilith para expressar a faceta negativa do feminino, mediante alguns elementos de revolta, vingança e reivindicação de direitos das mulheres de sua época, inconformadas com uma sociedade que tinha pela emancipação feminina um verdadeiro horror, em alguns dos contos publicados em *Ânsia eterna*.

A metodologia aqui utilizada corresponde à pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, bem como faz uso da abordagem mitocrítica, subsidiada por estudiosos da psicologia analítica, do simbolismo e da mitologia comparada. A fim de sustentar as ideias propostas, contamos com as contribuições de Almeida (2020); Campbell (2012); Chevalier e Gheerbrant (2021); Knapp e Zinani (2022); e Robles (2019), que embasaram teoricamente nossa pesquisa.

A representação produzida por meio do arquétipo, e das imagens e símbolos correspondentes, apontam para uma figuração negativa do feminino, onde forças psíquicas represadas lançam as personagens em situações de extrema radicalidade, onde o próprio feminino é colocado em xeque. As mulheres tomadas por essas forças caóticas caminham, não por acaso, em direção à sua própria autodestruição. Os elementos de revolta e vingança são os desencadeadores das forças do Feminino Sombrio rejeitado. Interpretamos a configuração entre estes elementos, o arquétipo de Lilith e a psicologia das personagens enquanto representação de uma ânsia eterna pela emancipação da mulher brasileira do início do século XX.

## **2 A rejeição do Feminino Sombrio**

É inegável alguns fatos históricos terem um profundo impacto sobre a configuração sociocultural de determinadas épocas. Alguns, inclusive, têm o poder de desembaraçar forças até então represadas. Não por acaso, nos espaços sobre os quais se gestaram profundas reformas ou violentas revoluções, toda a sociedade foi posta em discussão, desde as mais técnicas diretrizes econômicas até os mais altos e sublimes ideais estéticos.

No Brasil pós-abolição da escravidão e pós-Proclamação da República, com as instituições políticas sendo redesenhadas, também a sociedade, no auge de sua *Belle Époque*, gestou suas próprias questões, estivessem elas afeitas ou não às questões relativas à forma de estado ou ao sistema de governo então vigentes.

Com isso, alguns grupos sociais, sobretudo os marginalizados, passaram a lutar pela democratização dos espaços, haja vista a ausência de determinados sujeitos, até então invisibilizados, se fazer sentir de forma tão dramática.

As mulheres, no bojo dos movimentos feministas que incendiavam a Europa do século XIX, galgavam espaços na imprensa, fundando e dirigindo jornais, escrevendo crônicas, artigos e matérias e publicando obras de ficção. As faíscas da revolta produzidas por essas escritoras ante o ideário patriarcal acerca do papel que “deveria” caber às mulheres na sociedade brasileira de então, ainda reluzem nas páginas de muitas das obras publicadas no final do século XIX e início do XX.

Uma das mais destacadas dessas vozes femininas foi Júlia Valentin da Silveira Lopes de Almeida. Nascida em 1862, a escritora carioca, por mais incrível que possa parecer, gozou de considerável prestígio junto à crítica e ao público em uma época na qual a luta pela emancipação feminina ainda pleiteava garantias mínimas, sendo ela, inclusive, figura presente em reuniões nas quais se discutiu a criação da Academia Brasileira de Letras (ABL). No entanto, apesar da constante presença e da grande estima que os primeiros imortais nutriam pela escritora, Júlia não conquistou nenhuma das cadeiras.

A autora de grandes obras como *A viúva Simões* (1897) e *A falência* (1901) não só cuidou em representar, em sua ficção, a situação da mulher de seu tempo, como militou pela emancipação feminina, pela abolição da escravatura e pela Proclamação da República.

Trabalhadora incansável, a bibliografia de Júlia Lopes de Almeida ultrapassa os trinta volumes, entre romances, coletâneas de contos e novelas, peças de teatro, livros escolares e infanto-juvenis, além de crônicas e ensaios, em uma produção que vai de 1886, com a obra *Contos infantis*, escrita em parceria com Adelina Lopes, sua irmã, obra que “tornou-se leitura obrigatória em todas as escolas brasileiras em 1891”<sup>3</sup>; até 1934, ano de sua morte, com o romance *Pássaro tonto*.

---

<sup>3</sup> Knapp, Cristina Loff; Zinani, Cecil Jeanine Albert (org). **Interpretações e reverberações em Júlia Lopes de Almeida**. Caxias do Sul: Educs, 2022.

A figura feminina é presença irrevogável na produção ficcional de Júlia de Almeida. Uma de suas obras mais aclamadas, a coletânea de contos *Ânsia eterna*, cuja primeira edição, que constava de trinta (30) contos, data de 1903, é permeada por figurações do feminino, do grotesco e do insólito. O próprio título da obra, que nomeia também o conto de abertura da coletânea, parece atar todas as narrativas, em suas temáticas e figurações, a uma característica central do feminino no contexto social em que tais contos vieram a lume, qual seja: uma ânsia eterna por emancipação.

Desta obra, considerada por muitos críticos como sua *Magnum opus*, utilizaremos duas narrativas. Nelas encontramos, em nossa interpretação, reverberações dos mitos de Lilith, personagem mítica presente na tradição judaico-cristã. Com isso, lançaremos mão do arquétipo de Lilith, mediante as imagens e símbolos mobilizados para a construção das personagens femininas nos referidos contos, de modo a analisar as narrativas tendo por norte as contribuições teórico-metodológicas da mitocrítica, da psicologia analítica e da mitologia comparada.

Tratemos, antes de tudo, de expor o enredo dos contos aqui mobilizados. O primeiro deles, intitulado “Os porcos”, apresenta um episódio dramático na vida da cabocla Umbelina. Solteira e grávida, após receber uma surra do pai, ela o ouve prometer que assim que nascido o neto, ele o atiraria no terreiro para ser devorado pelos porcos. Amargurada por haver sido desonrada e abandonada pelo pai da criança que carrega, Umbelina pouca estima nutre pelo filho e pouco se preocupa com o futuro trágico que o espreita, embora a ideia de vê-lo devorado por porcos lhe aflija, momentaneamente, o coração. Disposta a vingar-se do homem que lhe abandonara, a cabocla, sob o véu negativo do feminino, planeja parir a criança à porta da casa do desgraçado e matá-la ali. Madrugada, sentindo as primeiras dores do parto, Umbelina sai de casa com o intuito de levar a cabo o projeto, mas nada sai como planejado. O desfecho é muito pior.

O segundo conto, intitulado “Sob as estrelas”, apresenta alguns episódios da vida do padre Júlio e de sua antiga namoradinha, a também cabocla (por que será?) Ianinha. Os dois viviam em uma mesma comunidade e, adolescentes, se apaixonaram e passaram a viver do amor que nutriam um pelo outro. Jovens e intensos, eles se amavam sob as estrelas, no campo, fugidos de suas casas. Os namorados se prometiam amor eterno, mas o idílio teve um fim.

Júlio fora enviado pelo tio, um padre, para o seminário e lá acabou tomando gosto pela vida eclesiástica. Ianinha desesperou-se, apaixonada e desonrada. Passados alguns anos, Júlio, agora padre, volta à comunidade. Do mel do antigo amor ele só carrega o fel dos pecados nunca esquecidos. Sua alma torturada condena todo o passado no qual Ianinha fora presente e roga a Deus para que lhe limpe das lembranças os pecados perpetrados. Mas dois encontros inesperados lhe colocarão diante do lado sombrio do feminino.

Bem, passemos agora a indicar os elementos centrais do arquétipo de Lilith mediante os mitos nos quais sua figura se faz presente. Lembramos que aqui tomamos o conceito de arquétipo enquanto um padrão de comportamento. Segundo o analista junguiano Erich Neumann (2021, p. 19), o conceito pode ser melhor compreendido quando diferenciamos os seus componentes dinâmicos ou emocionais, seu simbolismo, seu componente material e sua estrutura.

Desse modo, por dinamismo, o psicólogo alemão entende “o efeito do arquétipo”, que se manifesta “por processos energéticos no interior da psique. [...] Esse efeito aparece, por exemplo, em emoções negativas e positivas, em fascinações e projeções e também no medo”. Na expressão do arquétipo, o simbolismo pode ser entendido como a “maneira como ele se manifesta sob a forma de imagens psíquicas específicas, que são percebidas pela consciência e peculiares a cada arquétipo” (Ibidem). Com relação ao aspecto do componente material do arquétipo, o teórico aponta para o “seu conteúdo significativo apreendido pela consciência”, descontado o teor emocional daquele (Ibidem, p. 20). Por fim, a estrutura do arquétipo diz respeito “a complexa estrutura da organização psíquica, que abrange seu dinamismo, seu simbolismo e seu conteúdo significativo” (Ibidem).

Finalmente, acerca da figura mítica de Lilith, a analista junguiana Barbara Koltuv (2017, p. 17) nos informa que suas origens “ocultam-se num tempo anterior ao próprio tempo. Ela surge do caos... [Ela é] uma força contrária, um fator de equilíbrio, um peso contraposto à bondade e masculinidade de Deus, porém de igual grandeza”.

No Zohar<sup>4</sup>, obra cabalística escrita como uma meditação acerca do Velho Testamento, é narrada a criação do Sol e da Lua. Ambos foram criados em pé de igualdade, ao menos tendo em vista a dignidade do nascimento conjunto. Mas não demorou muito para que a Lua se sentisse incomodada com o Sol. Ambos, na verdade, se sentiam mortificados um pelo

---

<sup>4</sup> *Apud* KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith**: o resgate do lado Sombrio do Feminino Universal. São Paulo: Editora Cultrix, 2017, p. 17.

outro. Diante da contrariedade da Lua, Deus a diminuiu, o que a fez sentir-se humilhada, haja vista que desde então ela não mais teve luz própria, passando a obtê-la do Sol.

Daí surgiu uma cisão: a luz maior, identificada com o macho, ilumina o dia, e a luz menor, identificada com a fêmea, ilumina a noite. Acontece que, ainda segundo o Zohar, da diminuição da Lua surgiu Lilith, como uma camada, uma casca do mal, posto ser efeito da diminuição-ocultação da luz da Lua e das respectivas frustração e revolta do astro diante de sua inferiorização frente ao macho, o Sol.

Em outro mito do Zohar<sup>5</sup>, ela nos é apresentada enquanto a primeira Eva. Deus teria criado Adão enquanto um ser uno, andrógino, macho e fêmea<sup>6</sup>. Mas enquanto o primeiro homem da criação cuidava em dar nome aos animais, ia percebendo neles uma latente instintividade, notando ainda que a cada um deles correspondia um espécime de sexo oposto, sua companheira. Só então Adão percebeu-se solitário. Vendo-o triste, Deus o fez cair em um sono profundo e separou dele a fêmea, sua companheira. Tal mulher era Lilith. Por isso, segundo Koltuv (2017, p. 25), “Lilith é um aspecto instintivo e terreno do feminino, a personificação vivificante dos desejos sexuais de Adão”.

Há inúmeras discrepâncias com relação aos mitos de Lilith. As convergências, no entanto, parecem se dar pelo motivo da cisão entre o macho e a fêmea, ocasionada pelo “anseio por igualdade” esboçado pela fêmea, desejo que, negado, seja por Deus, no mito da criação do Sol e da Lua, seja por parte de Adão, no mito da primeira Eva, no qual Lilith se recusava a copular com Adão de maneira inferiorizada, ou seja, por baixo do macho, acarreta a diminuição ou expulsão da deusa, seja do Céu, seja do Jardim do Éden.

Por essa razão, a primeira figura feminina da criação acaba tornando-se a expressão de todas as forças femininas recalçadas, coibidas, indesejadas, condenadas. Afinal de contas, por haver sido o elemento de contestação e cisão inicial, ela foi a primeira criatura condenada. Ainda segundo Koltuv (2017, p. 37), “Toda a mitologia a respeito de Lilith é repleta de imagens de humilhação, diminuição, fuga e desolação, sucedida por uma profunda raiva e vingança, na pele de uma mulher sedutora e assassina de crianças”.

Nos contos “Os porcos” e “Sob as estrelas” encontramos muitos elementos que reverberam a figura mítica de Lilith. A começar com um elemento aludido anteriormente. Ambas as personagens, Umbelina e Ianinha, são caboclas. É preciso se atentar a esse fato,

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>6</sup> “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn. 1:27).

pois tal caracterização carrega muitos estereótipos. Lembremos que *O Cortiço* (1890), romance escrito por Aluísio de Azevedo (1857-1913), um dos mais destacados nomes da escola Naturalista no Brasil, fora publicado apenas treze (13) anos antes de *Ânsia eterna*.

Nesse contexto, as ideias sociológicas que apregoavam, cientificamente, um determinismo de raça e a tese de que o indivíduo seria, também, determinado pelo meio, ainda vigoravam nos meios intelectuais de então. Não por acaso, em nossa leitura, os porcos são mobilizados pela autora no primeiro conto, afinal de contas, eles são precisamente a representação simbólica dos laços instintivos transmitidos pelo sangue e favorecidos pelo espaço social, o “meio”<sup>7</sup>.

Desse modo, tendo em vista a matéria tratada, consideramos a opção por duas personagens caboclas sintomática de questões ligadas às ideias de determinismo, primitivismo e sensualismo, como logo mais verificaremos.

Acerca da caracterização da personagem Umbelina enquanto cabocla, nos informa o narrador: “[...] achavam-na todos bonita, no seu tipo de índia, principalmente aos domingos, quando se enfeitava com as maravilhas vermelhas, que lhe davam colorido à pele bronzeada e a vestiam com um cheiro doce e modesto...” (ALMEIDA, 2020, p. 42); mais à frente, afirma o narrador, ao descrever os sentimentos que tomavam a personagem quando pensava na promessa feita por seu pai, espantada, na “sua bestialidade de cabocla matuta” (Ibidem); e quando a personagem maquinava a vingança que pretendia perpetrar, afirma o narrador: “Uma vingança doida e cruel aquela, que se fixara havia muito no seu coração selvagem” (Ibidem, p. 43).

Acerca da personagem Ianinha, afirma o narrador, ao descrever o sentimento que ela despertava no jovem Júlio: “tão ardente e apaixonada, que o enlaçava nos seus braços flexíveis como hastes de hera, queimando-o com o fulgor dos seus olhos negros de mineira inculta e imaginosa” (Ibidem, p. 59); ainda caracterizando-a, afirma o narrador: “Ianinha sabia contos do sertão, histórias de feiticeiras e lobisomens” (Ibidem); e diz mais, comparando-a agora a Júlio: “ela era mais moça, mas muito mais precoce” (Ibidem); tomando o ponto de vista deste, já padre e ainda torturado pelo passado no qual se amava com Ianinha, sob as estrelas, afirma o narrador: “[Júlio era] o deus supremo daquela selvagem, filha da terra e

---

<sup>7</sup> “Ah! os porcos eram um bom sumidouro para os vícios do caboclo!” (ALMEIDA, 2020, p. 42).



amiga da terra, para quem a natureza era a única bíblia a que abria a sua alma simples” (Ibidem, p. 61-62).

O sensualismo inerente às personagens (tipo de índia; maravilhas vermelhas; pele bronzeada; ardente e apaixonada; braços flexíveis; olhos negros) é correlato à condição, determinista, de caboclas (filha da terra e amiga da terra; alma simples). Ambas as tendências convergem para o primitivismo das forças cegas que incidem sobre as ações e comportamentos das personagens (bestialidade de cabocla matuta; coração selvagem), pautados por uma relação estreita com o reino da necessidade (a natureza era a única bíblia).

Ora, a concepção primitivista, presente em uma natureza livre e divorciada das convenções sociais, é necessariamente elemento emancipador, pois coloca mulher e homem em pé de igualdade, uma vez ambos serem categorizados menos pelo papel social que desempenham do que pelo gênero sob o qual estão condicionados, e cuja representação simbólica está presente na imagem do Jardim do Éden judaico, “[...] macho e fêmea os criou” (Gn. 1:27); “[...] Sede férteis e multiplicai-vos!” (Gn. 1:28).

O sensualismo, também elemento central no mito judaico, é presente na habilidade de tentadora da serpente, cujo *logos* é ardiloso e irresistível. O determinismo fecha o quadro geral com a condenação da humanidade a carregar o pecado original, fruto da sedução da mulher pela serpente, cujas naturezas, em muitos aspectos, se igualam, ao menos em um aspecto central: ambas carregam em torno de si as questões relativas ao bem e ao mal: a segunda, enquanto conhecedora destas instâncias, a primeira, enquanto desejosa de as possuir, “[...] e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal” (Gn. 3:5).

A personagem Lilith é representação da mulher cujas ações transitam entre as esferas do bem e do mal, ou ainda, cujas ações alocam-se para além do bem e do mal. Alguns a caracterizam enquanto demônio, esposa do diabo, Samael, outros a entronizam enquanto esposa de Deus ou, quando menos, faceta tirânica Dele, sua justiça implacável. Fato é que a primeira Eva está intimamente relacionada aos elementos do primitivismo, dada sua origem e sua opção por viver nos recônditos do mundo; do sensualismo, sua arma contra os homens; e do determinismo, garantia da perpetuação das mazelas humanas mediante sua prole, gerada através das ações da bruxa, quando, durante o sono de todo homem, ela se aproveita de sua poluição noturna.

Na narrativa “Os porcos”, a personagem Umbelina é atravessada por duas promessas, a de seu pai e a sua própria<sup>8</sup>. Ambas giram em torno de um elemento ainda não constante da narrativa, o filho ainda não nascido, gerado do pecado, cujo efeito sobre a cabocla foi o de um sentimento de profunda traição e humilhação<sup>9</sup>. Dois homens agem sobre o presente da desgraçada, traçando os fios que a conduzirão a um futuro não planejado, ou ser mãe solteira, ou ser “mãe sem filho”. No centro da problemática reside o aspecto gestativo, materno: constituidor da natureza feminina, mas também suplantador do aspecto orgíaco da fertilidade. Umbelina é condenada pelo pai por ter se “servido”; mas é também abandonada pelo homem que a engravidara por não corresponder à imagem de uma mulher outra que não ela, tão “dada”.

A sensualidade da cabocla, elemento inicial de sua ação sobre o homem, cede espaço ao elemento de vingança. Sua desforra final, planeja a personagem, será dupla: contra a vida que carrega no ventre e contra o homem que a desencadeara. Assim como Lilith, também conhecida como assassina de crianças, Umbelina, uma espécie de Medéia cabocla brasileira, usa-se do filho, às portas da existência, na tentativa de martirizar o amante<sup>10</sup>.

Mas há aqui mais que sadismo e loucura, talvez. Há, em nossa leitura, uma clara luta contra a possibilidade de vida<sup>11</sup>. Assim como seu filho está enredado em sua barriga, como um pássaro preso em uma arapuca, à espera do fim, também a cabocla está prisioneira das circunstâncias sociais que a ataram a um destino trágico e “necessário”<sup>12</sup>. A morte da criança, já “profetizada” nos primeiros momentos da narrativa, é expressão da própria condenação da cabocla, também já dada de imediato. Para Umbelina não há outro caminho senão a morte. A seu pai e a seu amante, em contraponto, nada de mal acontece, as forças contrárias dormem enquanto a cabocla fenece.

A figura de Lilith, expressa na personagem mediante as forças negativas que a impulsionam em direção ao fim, é não somente elemento de revolta e contestação (ela planeja sua desforra), mas, conseqüentemente, de desagregação e nulidade (ela própria é vitimada por

---

<sup>8</sup> “A sua ideia era ir ter o filho na porta do amante, matá-lo ali, nos degraus de pedra, que o pai havia de pisar de manhã, quando descesse para o passeio costumado” (ALMEIDA, 2020, p. 43).

<sup>9</sup> “Não queria bem ao filho, odiava nele o amor enganoso do homem que a seduzira” (ALMEIDA, 2020, p. 42).

<sup>10</sup> “Deixaria a criança viver alguns minutos, fá-la-ia mesmo chorar, para que o pai lá dentro, entre o conforto do seu colchão de paina, que ela desfiara cuidadosamente, lhe ouvisse os vagidos débeis e os guardasse sempre na memória, como um remorso” (ALMEIDA, 2020, p. 43).

<sup>11</sup> “[...] entraria na vida para entrar no túmulo [...]” (ALMEIDA, 2020, p. 43).

<sup>12</sup> “Ela estava perdida. Em casa não a queriam; a mãe renegava-a, o pai batia-lhe, o amante fechava-lhe as portas...” (ALMEIDA, 2020, p. 43).

sua vingança). A sombra do mal paira sobre a mulher tomada pelo remorso e pela vingança. Assim, desarticulado e livre, o elemento negativo do feminino não tem outro fim senão a própria anulação de sua agente desencadeadora, a mulher.

Com Ianinha o processo é similar. Além da correspondência quanto à condição de cabocla, a personagem de “Sob as estrelas” também é atravessada pela humilhação e revolta de ter sido abandonada, desonrada. No entanto, enquanto no conto anterior parece haver um obstáculo de “classe” a impedir a união das personagens, com Ianinha a luta é superior, é contra o divino, pois ela é trocada pela santificação de uma vida devotada a Deus<sup>13</sup>. Há também aqui um terceiro elemento, uma criança, cuja identidade paterna só é conhecida pela mãe, e que também morre após o nascimento. Se por vingança ou fatalidade, não sabemos. Mas uma outra personagem nos informa ter sido a criança enterrada sem o batismo, o que a torna pagã<sup>14</sup>.

Antes da partida de Júlio ao seminário, Ianinha, fazendo uso de seu *logos* ardiloso, “[...] como uma cobra [colada] a um tronco [...]” (ALMEIDA, 2020, p. 59), intenta derruir da cabeça do amado a ideia de santidade<sup>15</sup>. Mas foi vencida e deixada a soluçar “[...] na noite escura e silenciosa” (Ibidem, p. 60). Mesmo quando entregue à sua vocação, a personagem continua a pairar sobre a cabeça de Júlio, como “[...] uma tentação diabólica e terrível [...]” (Ibidem).

Após a ordenação, o padre volta à comunidade mineira desejoso de encontrar, morta, sua outrora amada, a sombra a lhe perturbar a vida. Com esse anseio a lhe dirigir, a personagem queda-se no cemitério local de modo a verificar algum sinal da possível inexistência da cabocla. Mas nada encontra, afinal de contas, “Morria-se tão pouco, ali!” (Ibidem). No entanto, uma sepultura “[...] coberta de flores selvagens” (Ibidem) lhe chama a atenção. Ali estava sepultado o fruto de seu amor com Ianinha<sup>16</sup>.

Tomado de amor pelo filho defunto, padre Júlio mergulha em uma torrente sob a qual emerge a figura terrível da cabocla, “[...] aquela cúmplice do demônio [...]” que lhe “[...] estilara peçonha e dor [...]” (Ibidem, p. 61). Contra o elemento espiritual vacilante do macho

---

<sup>13</sup> “[Júlio] Queria ser puro, queria ser santo. Voltara-se para o Céu com fé arrojada; detestava o mundo e a carne” (ALMEIDA, 2020, p. 60).

<sup>14</sup> “A peste [Ianinha] não o batizou. De mais a mais ninguém sabe quem era o pai. O povo afirma que era o diabo. Dizem que a voz do povo é a voz de Deus... Quem sabe?” (ALMEIDA, 2020, p. 60).

<sup>15</sup> “[Ela dizia-lhe] que a vida era aquilo, a liberdade, o beijo, o amor!” (ALMEIDA, 2020, p. 59).

<sup>16</sup> “Aquelas flores selvagens não eram uma inscrição, um nome que lhe acusava a paternidade?” (ALMEIDA, 2020, p. 61).

enfermo pela moralidade, posto ser padre, o próprio elemento primitivo e material da natureza se levanta em favor da fêmea abandonada<sup>17</sup>.

Padre Júlio, por quatro vezes durante a narrativa, expressa seu desejo de encontrar morta a cabocla. Assim como acontece com Umbelina, o destino de Ianinha, em sua liberdade apaixonada, em seu amor rejeitado e em sua dignidade humilhada, é traçado pela ideia da morte. Também para ela não há outro destino. A ânsia por vê-la morta é sintomática da própria faceta negra que o padre carrega e tenta ocultar. Sua sombra, projetada sobre a cabocla, é o elemento sob o qual o padre só pode resistir mediante a instauração da morte, ou melhor, a mortificação do corpo em detrimento da alma, o celibato eclesiástico, caracterizado pelo negror fechado da batina em contraponto ao negror dos cabelos soltos da sombra tentadora.

Embora não haja indícios de qualquer ação por parte da cabocla contra a vida do filho que tivera, o não batismo do pequeno, no entanto, expressa a revolta e vingança da mãe contra o elemento superior e espiritual, então representado pelo próprio pai da criança, já padre. Ianinha nega ao filho o Céu que, sabe, lhe é e sempre será negado, assim como Medéia negara a si e a seus filhos uma vida ao lado do homem que lhe rejeitara como esposa. Aqui, novamente, dois elementos masculinos são negados, o superior, Deus, e o inferior, o filho. Há também uma negação ao terceiro elemento masculino e intermediário, pois duplamente pai: o amante-padre. Mas tal negação ocorre de modo extremado: o desejo da cabocla, em nossa leitura, é menos pela posse do homem do que pela queda do santo.

As adjetivações mobilizadas por Júlio para caracterizar sua outrora amada não deixam dúvidas, em sua perspectiva, quanto ao elemento negativo da figura e de suas intenções. Novamente aqui se apresenta a polarização entre o bem e o mal; enquanto o padre refugia-se no elemento divino, solar<sup>18</sup>, a cabocla é alocada no polo oposto, na escuridão<sup>19</sup>, ao lado do demônio; enquanto o padre toma a via da espiritualização, Ianinha continua uma entidade revolta, regida unicamente pelas forças cegas da natureza<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> “Sabia bem... do fundo daquela terra subia alguma coisa que o chamava, que o solicitava e lhe dizia: ‘és meu!’” (ALMEIDA, 2020, p. 60); “Toda a terra parecia vitoriosa, erguendo as suas montanhas colossais, a sua vegetação estupenda, o seu cheiro de força, de amor e de fertilidade” (ALMEIDA, 2020, p. 61).

<sup>18</sup> “Certamente que no fundo da sua alma alguma luta havia que [...] lhe iluminava a fronte larga e lívida” (ALMEIDA, 2020, p. 63).

<sup>19</sup> “[...] a negrura das madeixas revoltas [...]” (ALMEIDA, 2020, p. 60); “[...] o negror das madeixas [...]” (ALMEIDA, 2020, p. 61).

<sup>20</sup> “[...] Ianinha [...] [lamentava-se] por não ter nascido sob outra forma, por não ter a vida libérrima da ave, do inseto ou da flor!” (ALMEIDA, 2020, p. 63).

Mesmo quando Júlio se reencontra com a cabocla, em uma cena com tonalidades góticas, é a sensualidade e o primitivismo da “tentadora” que se sobrepõem, ameaçando derruir o altar de santidade erguido pelo padre. O embate é entre forças ontológicas. Nesse encontro trágico o elemento negativo do feminino levanta-se em revolta, mas cede frente à consumação do sacrifício, pelo macho, de entrega a Deus.

O repicar de sinos, os mensageiros do divino, rasga a tranquilidade da noite e instaura o terror, atravessando “o espaço negro como um grito de dor” (Ibidem, p. 62). Em busca de explicações para o violento ribombar dos sinos, padre Júlio se encaminha para o campanário, “à esquerda”. Lá, se depara com um vulto branco, quase um fantasma (elemento do passado, instauração do não-ser). Armado com seu crucifixo e com as ladainhas que canta à meia voz, Júlio encontra Ianinha, seminua, cabelos soltos e iluminada pela lua. A enlurada Ihe anuncia o nascimento e a morte do filho. O padre reage. Mais uma vez a cabocla utiliza-se do artil de seu *logos*, de sua “imaginação caudalosa”, onde se manifesta o sensualismo de uma vida regida pelo primitivismo, para tentar o homem:

O campo aí estava, aberto a todos os seres, fértil, com os hinos das aves e o perfume das plantas. A vida rebentava à toa em cada canto. Em troncos velhos viçavam lianas e parasitas; em corolas de flores aninhavam-se milhares de insetos; e os ninhos estavam povoados, e as tocas rescendiam a paz amorosa, e toda a terra desabrochava à espera de que eles fossem também, como noutros tempos, amar-se sob as estrelas (ALMEIDA, 2020, p. 63).

O fim é certo. O padre não cai, mas Ianinha morre. A cabocla atenta contra a própria vida, enforcando-se com a corda do sino, o mesmo com o qual anunciara sua presença fantasmagórica no campanário. Assim como Umbelina, cuja maquinação não aponta para uma intenção suicida, mas cujo desdobramento lógico das ações apontam para tal fim, Ianinha é devorada pelas próprias forças negativas que desencadeara, como uma aranha presa na própria teia, mais uma vez solitária, martirizada, no meio da noite escura.

A construção das duas personagens aponta para um mesmo fim. As forças que as impulsionam parecem saciar-se somente com a morte, com a própria supressão-paralisação da força desordenada. Assim como Júlia de Almeida usara a figuração dos porcos para representar o lamaçal da concupiscência humana, lançara mão também da figura de um padre para expressar a contraposição entre as duas forças reativas primordiais: o bem – solar e macho –, unificador e harmônico, e o mal – lunar e fêmea -, desagregador e caótico. Parece

haver na posição da escritora uma condenação da natureza feminina frente à masculina. Mas esta seria uma leitura equivocada, pois superficial. A posição de Júlia de Almeida é, em nossa leitura, pela harmonização lunar, ou melhor, pela sublimação e individuação das mulheres frente à faceta negativa do feminino.

Isso significa dizer que a escritora carioca era ciente das próprias complexidades da alma feminina. Desse modo, frente à luta social pela emancipação feminina, Júlia de Almeida aponta para a luta interna de toda mulher, cuja causa é ainda o fator social. O enclausuramento social da mulher é apenas aspecto externo do problema. A cultura, a religião e a falta de educação da mulher desencadearam um atrofiamento da própria psique feminina, cujas sombras negativas, embora recalcadas, ainda são latentes e espreitam-na. A não tomada de consciência da sombra-Lilith tem o poder de lançar a mulher em um campo de batalha cujos despojos são suas próprias consciência e vitalidade, assim como Umbelina e Ianinha são vítimas de suas próprias desforras.

### **Considerações Finais**

De acordo com as ideias propostas pelos teóricos mobilizados, e partindo das interpretações estabelecidas para as narrativas “Os porcos” e “Sob as estrelas”, presentes na obra *Ânsia Eterna*, podemos considerar que Júlia Lopes de Almeida (2020) lançou mão do arquétipo de Lilith, a partir da constelação de imagens e símbolos que o circunda, para expressar o aspecto negativo do feminino mediante a construção das personagens femininas dos referidos contos.

Ao longo do texto, apresentamos o arquétipo de Lilith através de dois de seus mitos, cujo tema gira em torno dos motivos da rejeição, humilhação, vingança e revolta da primeira mulher; assim como identificamos nos supracitados contos a constelação de imagens e símbolos que gravitam em torno do respectivo arquétipo, como a criança morta, o padre, os porcos, a lua, a natureza, a mãe assassina, a mulher sedutora, o primitivismo e o determinismo; finalmente, conseguimos relacionar os aspectos míticos aos elementos temático-linguísticos das referidas narrativas, apontando para a similitude na estruturação das narrativas e na construção psicológica das personagens femininas, enredadas por forças binárias antagônicas.

O arquétipo de Lilith evidencia que algumas destas oposições binárias presentes nas narrativas analisadas, embora sejam elementos ontológicos, caracterizam profundamente as sociedades modernas, na qual uma parcela da população é alçada à condição de classe-grupo superior, enquanto as demais são inferiorizadas e marginalizadas, como podemos observar nos antagonismos modernos de: homem *versus* mulher, sagrado *versus* profano, clássico *versus* moderno, colonizador *versus* colonizado, bem *versus* mal, dentre outras.

O homem, na sociedade patriarcal, é visto como um ser superior, correto, religioso, culto, dotado de inteligência, ao passo que a mulher é o oposto, devendo ser submissa, refreada e subalternizada. Nesse sentido, Júlia Lopes de Almeida faz uso do arquétipo aqui mobilizado para evidenciar o aspecto negativo do feminino, apontando a revolta, a vingança e as atitudes extremas das mulheres em prol de seus objetivos como elementos representativos da reivindicação dos direitos femininos, ora reforçando estereótipos, ora expressando o quão nocivo pode ser o patriarcalismo ainda presente na sociedade brasileira, e refletido na literatura.

## Referências

ALMEIDA, Júlia Lopes. **Ânsia eterna**. Brasília: Senado Federal, 2020.

CAMPBELL, Joseph. **As transformações do mito através do tempo**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 2012.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números**. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

KNAPP, Cristina Loff; ZINANI, Cecil Jeanine Albert (org.). **Interpretações e reverberações em Júlia Lopes de Almeida**. Caxias do Sul: Educus, 2022.

KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith: o resgate do lado Sombrio do Feminino Universal**. São Paulo: Editora Cultrix, 2017.

NEUMANN, Erich. **A Grande Mãe: um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos e as manifestações femininas do inconsciente**. Trad. Fernando Pedroza de Mattos e Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Editora Cultrix, 2021.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos**. Trad. William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2019.